

I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial

Realização: FCRB · UFF/PPGCOM · UFF/LIHED

8 a 11 de novembro de 2004 · Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro – Brasil

O texto apresentado no Seminário e aqui disponibilizado tem os direitos reservados. Seu uso está regido pela legislação de direitos autorais vigente no Brasil. Não pode ser reproduzido sem prévia autorização do autor.

Breve história dos suplementos culturais

Cristiane Costa

Doutora em Comunicação e Cultura pela UFRJ,
editora do Portal Literal e da Revista Nossa História

Resumo

Do primeiro caderno cultural digno deste nome, publicado em 1909, pela Gazeta de Notícias, passando pelo *boom* dos suplementos, entre os anos 1930 e 50, chegando às novas possibilidades promovidas pela internet, esta pequena história do espaço destinado aos livros na imprensa pretende demonstrar como cada formato de crítica literária está diretamente vinculado ao modelo de produção cultural de seu tempo. Se isso é facilmente verificável na década de 50, quando o Suplemento Dominical do Jornal do Brasil lançou as bases (e o manifesto) do concretismo, reproduzindo na diagramação de suas páginas o mesmo padrão artístico da vanguarda, não deixa de ser visível também na atual configuração dos suplementos, em que a literatura perde espaço para outras artes com maior penetração popular, como a televisão, o cinema e a música, e a palavra cultura passa a ser sinônimo de comportamento, entretenimento e celebridades. No atual momento jornalístico, qual seria a crítica literária possível?

Os suplementos culturais tiveram uma longa história desde que este conceito começou a ser usado no Brasil. Curiosamente, não há nenhum estudo registrando este percurso. Portanto, vou trabalhar com dados esparsos, colhidos em livros como “A imprensa em transição”, organizado por Alzira Alves Abreu, da Fundação Getúlio Vargas, ou nos próprios departamentos de pesquisa dos jornais.

O primeiro suplemento cultural a carregar este nome no Brasil foi criado em 1909, pela Gazeta de Notícias. Na pauta, folhetins, poesia e rodapés de crítica literária. Sua proliferação se dará efetivamente entre os anos 1930 e 50, graças à departamentalização dos jornais promovida pelas novas rotativas, que dividiam as páginas em dois cadernos. Nesta época, jornais como o Correio da Manhã, o Diário de Notícias e O Jornal criam seus suplementos. O suplemento era o ponto de encontro de intelectuais e escritores de renome com os que jovens que sonhavam usar o espaço como vitrine e projetar seu nome no mundo das letras.

Os suplementos eram também o campo de batalha onde exercitavam suas idéias, não apenas sobre questões artísticas. Um tema que mobilizava páginas e mais páginas, e tinha seus próprios colonistas na época, era a educação.

Nos anos 50, os suplementos serão palco da famosa rixa entre Álvaro Lins e Afranio Coutinho, ambos críticos literários de rodapé, colonistas com espaço garantido nos jornais. O primeiro, com sua habilidade quase literária, representava um modelo de crítica impressionista e valorativa, capaz de lançar nomes e destruir reputações. O segundo, após uma viagem ao exterior, identificou-se com a proposta de uma crítica técnica, universitária, que mais tarde desaguardaria no texto hermético do estruturalismo.

Para este modelo, vitorioso a partir dos anos 1960, o jornal não deve mais ser o espaço privilegiado da crítica. E sim a universidade.

Mas entre 1956 e 1961, emerge um novo modelo de suplemento cultural, com o SDJB, Suplemento Dominical do Jornal do Brasil. O SDJB não cobria o movimento cultural, ele era a própria movimentação artística. Identificado com o concretismo até em seu projeto gráfico, que lançou as bases do grupo e seu primeiro manifesto, deu origem à famosa reforma gráfica do Jornal do Brasil, copiada pela maior parte dos jornais brasileiros. De sua equipe, faziam parte nomes como Ferreira Gullar, Carlos Heitor Cony, Mário Faustino, Reynaldo Jardim e Amílcar de Castro, além dos jovens Merquior e Glauber Rocha.

Bombardado por um suposto excesso de intelectualismo, o suplemento que até hoje pode ser considerado de vanguarda, tanto por sua concepção estética quanto por seu conteúdo sofisticado, deu lugar ao Caderno B, mais voltado para o comportamento.

Os dois modelos de suplemento cultural convivem durante um ano. Criado em 1960, o B refletia sua época. Trazia uma nova linguagem, mais coloquial, gerava modismos, cobria o movimento hippie, o desbunde, o cinema novo. Menos audacioso, deixou uma lacuna intelectual, que seria coberta pelo Caderno Idéias.

Criado em 1986, o Idéias Livros seria acompanhado pelo Idéias Ensaios, três anos depois. Mas, com a crise do papel, em 1992, os dois suplementos seriam fundidos. Hoje, poucos jornais ainda mantêm suplementos literários, como O Globo, o próprio JB e a Folha de S. Paulo. Mas, todos mesmo os de médio porte, sentem-se na obrigação de apresentar um suplemento cultural. Mas, nos dias de hoje, a palavra cultura ganha nova concepção. Ela foi substituída pelo entertainment, o show business, as celebridades. Mediocrizou-se o jornalismo cultural ou a cultura em si?

Ao mesmo tempo em que os suplementos culturais vão ficando cada vez mais parecidos com as revistas de fofoca, crescem na Internet sites e blogs dedicados à cultura e artes em geral, especialmente literatura, como o Publishnews, o Portal Literal, o Paralelos, o EraOdito e o Capitu. A Internet tem pelo menos duas grandes vantagens: formar redes de contato e quebrar a dependência do público da seleção e opinião dos grandes jornais. Autores, críticos e leitores já se comunicam independentemente dos meios de comunicação impressos. E essa possibilidade de comunicação direta, sem a mediação da grande imprensa, é talvez o que de mais interessante tenha surgido no panorama dos suplementos culturais nos últimos tempos.